

FAMÍLIA COMBONIANA

BOLETIM MENSAL DOS MISSIONÁRIOS COMBONIANOS DO CORAÇÃO DE JESUS

848

Fevereiro de 2026

DIRECÇÃO-GERAL

NOTAS GERAIS DA 41.^a CONSULTA GERAL - 31.1.2026

Leigos Missionários Combonianos

O Conselho Geral deseja esclarecer a todo o Instituto que os Missionários Leigos Combonianos (LMC) são agora uma associação autónoma, com estatutos próprios, canonicamente reconhecida num país e, provavelmente, no futuro também noutros. Por este motivo, quando se fala de experiências de leigos nas várias comunidades ou circunscrições do Instituto, é necessário usar com cuidado o termo «LMC». Antes de chamar um grupo de «LMC», é necessário verificar com a Coordenação nacional ou internacional dos LMC se isso é correcto. Esta verificação serve para evitar dar o nome «LMC» a grupos de leigos amigos dos combonianos que não fazem parte da coordenação oficial dos LMC.

Processo de reconfiguração e fusão das circunscrições

Após um longo processo de reflexão realizado a vários níveis no Instituto, em conformidade com o mandato recebido do XIX Capítulo Geral e retomado pela Assembleia Intercapitular 2025, o Conselho Geral lança agora o processo de reconfiguração e agrupamento das circunscrições do Instituto com uma carta dirigida a todos os confrades, na qual é apresentado o percurso histórico desta necessidade inadiável.

Na carta, percorre-se a evolução conceptual do processo desde o Capítulo Geral de 1985, expõem-se as motivações do processo e indica-se o caminho a percorrer, com os cenários de estrutura que parecem possíveis neste momento, e indica-se os marcos do processo que nos levará ao Capítulo Geral de 2028, quando as opções identificadas, com as respectivas implicações operacionais da implementação das novas estruturas circunscricionais, serão apresentadas ao discernimento e decisão do Capítulo. O Conselho Geral convida todos os confrades a acolherem com atenção a carta e pede a todos uma colaboração generosa e construtiva para acolher com confiança e esperança o desafio desta reconfiguração ditada pela paixão pela missão.

Nomeação dos vice-provinciais

Durante a Consulta (extraordinária) de Janeiro, o Conselho Geral examinou o resultado das eleições dos vice-superiores de circunscrição recebidas e confirmou a nomeação de cada circunscrição. A publicação completa dos nomes será publicada na *Família Comboniana* de Março de 2026.

Programa das viagens dos membros do Conselho Geral

IRMÃO ALBERTO LAMANA CONSOLA

- 7-13 de Fevereiro – Nairobi – Assembleia Provincial do Quénia
- 16-21 de Fevereiro – Nairobi – Assembleia APDESAM

PADRE LUIGI CODIANNI E PADRE ELIAS SINDJALIM

- 6-16 de Fevereiro – República Centro-Africana

Próximas Consultas

As próximas Consultas Gerais terão lugar

- de 9 a 27 de Março de 2026
- de 8 a 25 de Junho de 2026.

Lembramos a todos os superiores de circunscrição que as actas das reuniões dos respectivos conselhos – que devem ser levadas em consideração pela Consulta – devem ser recebidas até ao dia anterior ao início da consulta. Questões apresentadas fora deste instrumento de comunicação durante a consulta – a menos que se trate de emergências críticas – não serão levadas em consideração.

Profissões perpétuas

Sc. Gum Santino Mawan Guor	Juba/SS	11.01.2026
Sc. Wanyama Musungu Mark	Marsabit/KE	15.01.2026
Sc. Sc. Mwaba Mathews	Lima/PE	30.01.2026

Ordenações

Eklo Honyo Kossi V. Celestin	Kohé/T	17.01.2026
Zida Koffi Magloire	Kohé/T	17.01.2026
Adaklumegah Mamertus	Nova Achimota/G	24.01.2026

Obra do Redentor

Fevereiro 01 – 15 C 16 – 28 EGSD
Março 01 – 07 CO 08 – 15 E

Intenções de oração

Fevereiro

Para que todas as instituições de vida consagrada cresçam em comunhão e colaboração, reconhecendo a força que nasce da vocação comum e da diversidade dos carismas. *Oremos.*

Março

Para que, como Família Comboniana, saibamos procurar aqueles que estão longe da fé e ser instrumentos de encontro com o Senhor Jesus e com o Evangelho da vida, em todas as partes do mundo. *Oremos.*

Calendário litúrgico comboniano

FEVEREIRO

8	Santa Josefina Bakhita, virgem	Memória
---	--------------------------------	---------

Recorrências significativas

FEVEREIRO

4	São João de Brito, mártir	Portugal
6	Santos Mártires Japoneses	Ásia
23	Kidane Mehret, Corredentora	Eritreia

MARÇO

17	São Patrício, bispo	LP (Província de Londres)
19	São José, esposo da Virgem Maria	África Central

Publicações

Giampaolo Romanato, *A África de Daniele Comboni (1831-1881) – Missão, exploração, aventura*, Edizioni Studium, Roma, 2026, pp. 391.

Publicado pela primeira vez em 1998, com o título *Daniele Comboni. A África dos exploradores e dos missionários*, Rusconi, e republicado em 2003 [*A África negra entre o Cristianismo e o Islão. A experiência de Daniele Comboni (1831-1881)*], com numerosas adições, o livro é hoje reeditado, com as

necessárias actualizações, porque, entretanto, Comboni foi proclamado santo (2003). O autor observa: «Durante décadas, os censores eclesiásticos examinaram a sua obra, os testemunhos sobre ele, os seus escritos, onde não faltam opiniões sobre a Cúria Romana, julgamentos severos sobre eminentes prelados da época, sem encontrar nada que impedisse a sua canonização. Isto significa que a sua vida fora de todos os cânones da normalidade e da rotina eclesiástica – *aquela* vida que impressionou e apaixonou o seu biógrafo, mas também muitos leitores do livro – é hoje considerada pela Igreja exemplar, merecedora de ser honrada universalmente».

Mas o autor relança o livro também por outra razão: «Como se poderá ler mais adiante, a missão em que Comboni trabalhou, cujo centro era Cartum, nas margens do Nilo, teve um papel activo na descoberta das nascentes do rio – a maior epopeia geográfica do século XIX – e em todos os complexos e dramáticos acontecimentos históricos que levaram ao nascimento do Sudão moderno. Hoje, este país é palco de uma guerra civil devastadora que causou milhões de vítimas entre mortos, refugiados, fugitivos, desaparecidos, sem esquecer a prática infame das crianças-soldados, treinadas para matar. [...] Mas a catástrofe atual vem de muito longe, tem origem nos acontecimentos do século XIX resumidos nas páginas que se seguem, quando a penetração, primeiro egípcia e depois europeia, da qual a missão católica fez parte, começou a desestabilizar os equilíbrios tradicionais de toda a região nilótica.

Comboni e os seus missionários «foram testemunhas, cronistas, protagonistas inconscientes e depois vítimas designadas de uma tragédia histórica de enorme dimensão», ou seja, a revolução liderada por Muhammad Ahmad, conhecido como o *Madhi*, «o enviado de Deus». Os missionários combonianos foram feitos prisioneiros pelo Madhi, libertados apenas em 1898 pela intervenção militar britânica, seguida do nascimento do «condomínio anglo-egípcio», que constituiu uma etapa fundamental do colonialismo britânico em África.

Na opinião do autor, «a revolta do Madhi foi o resultado de uma desintegração da sociedade local iniciada muito antes, da qual os relatos de Comboni e dos seus missionários [...] constituem o único testemunho impressionante. [...] Um chefe indígena desejou «todo o mal» aos estrangeiros que eram «a ruína do seu país». O atual drama sudanês, que em 2011 provocou a divisão do território em dois Estados distintos, o Sudão e o Sudão do Sul, é, portanto, a consequência remota de uma convulsão do mundo tribal nilótico iniciada naquela época, sob os olhos de Daniele Comboni e dos seus missionários». Daí a conclusão do Prof. Romanato: «Espero que não seja inútil, portanto, republicar este livro».

BRASIL

Padre Alfonso Cigarini – 100 anos de vida e missão

A 7 de Janeiro de 2026, o padre Afonso Cigarini, missionário comboniano, completou cem anos de vida e 70 de dedicação à missão do Reino. Nascido a 7 de Janeiro de 1926 em Bagno, diocese de Reggio Emilia, no centro-norte da Itália, entrou muito jovem no Seminário Episcopal Urbano de Reggio Emilia, onde permaneceu até ao final do terceiro ano do liceu, cultivando sempre no seu coração o desejo de se tornar missionário.

Em Novembro de 1952, entrou no noviciado comboniano de Florença, durante o qual frequentou o primeiro curso de teologia no Seminário de Fiesole. A 9 de Setembro de 1954, fez os primeiros votos temporários e foi destinado ao escolasticado de Venegono Superiore para concluir os estudos de teologia. A 9 de Setembro de 1956, fez a profissão perpétua e foi ordenado sacerdote a 15 de Junho de 1957 na catedral de Milão pelo arcebispo Giovanni Battista Montini, futuro Paulo VI.

Após a ordenação, o padre Alfonso exerceu o seu ministério missionário em três continentes: Europa, África e América.

De 1957 a 1962, trabalhou em Moçambique. De 1963 a 1976, esteve em Portugal. De 1976 a 1978, esteve na Itália; de 1978 a 1984, no Brasil. Após dois anos passados na sua terra natal, em 1985, regressou novamente ao Brasil, onde permaneceu até 2000, quando voltou à Itália por um ano. Em 2001, foi novamente destinado ao Brasil, onde reside até hoje.

No Brasil, o padre Afonso trabalhou em Uruçuí, no estado do Piauí, diocese de Floriano; em Sucupira e Tasso Fragoso, no estado do Maranhão, diocese de Balsas; em Santa Rita, no estado da Paraíba, arquidiocese da Paraíba; e em Timon, no estado do Maranhão, diocese de Caxias. Hoje vive na Casa Comboni, que acolhe missionários idosos e doentes, em São José do Rio Preto, na diocese homónima, no sudeste do Brasil. O Padre Afonso – ou «Funsein», como é chamado na sua terra natal – é um testemunho de vida e missão. Chegou aos 100 anos com grande energia e entusiasmo missionário, apesar da saúde frágil. Para ele, a fé continua a ser o principal combustível da longevidade.

«O que me motiva é a presença de Jesus, que nos convida a esperar por um novo céu e uma nova terra. O que deixo às pessoas é o convite a levar uma vida serena, procurando ser bons exemplos, valorizando o próximo e mantendo a esperança num futuro melhor», sublinhou o padre Afonso no dia do seu centenário.

Louvemos a Deus pelo dom da sua vida e da sua vocação missionária.
(Padre Raimundo Nonato Rocha dos Santos, provincial).

ESPANHA

38.º Encontro África 2026 e Prémio Mundo Negro à Fraternidade 2025

No sábado, 31 de Janeiro, realizou-se em Madrid o 38.º Encontro África sobre o tema «*Migrar ou ficar. A fuga de cérebros de África*». Durante o evento, foi entregue o «Prémio Mundo Negro à Fraternidade 2025» ao Dr. Cédric Ouanékponé, médico nefrologista da República Centro-Africana, pelo seu empenho em favor do acesso a cuidados de saúde dignos no seu país.

No contexto do problema da «fuga de talentos do continente africano», foi muito significativo o prémio entregue ao Dr. Ouanékponé, que regressou ao seu país logo após a especialização em França, renunciando a um contrato vantajoso, para assumir a direcção do Centro Nacional de Hemodiálise de Bangui, que permaneceu inactivo durante anos por falta de especialistas. Graças à sua intervenção, o centro pôde iniciar as suas actividades e salvar inúmeras vidas.

Nascido em Bangui em 1986 e formado graças ao apoio da paróquia de Nossa Senhora de Fátima, Ouanékponé desempenhou um papel fundamental durante os períodos mais dramáticos da guerra civil, garantindo assistência médica em condições extremamente difíceis e recusando remuneração pelo seu serviço. O responsável pelos refugiados, o padre ugandês Moses Alir Otii, recentemente ordenado sacerdote, contou com a ajuda de Cédric e de outros jovens profissionais de saúde da paróquia para fazer face à emergência sanitária até à chegada das ONG. Cédric assistiu, quase sem meios, idosos e crianças e ajudou dezenas de mulheres a dar à luz.

Em 2014, em plena crise, a ONG francesa Cercle de Haute Réflexion sur la Jeunesse chegou ao país com um carregamento de medicamentos e Cédric tratou de inúmeras pessoas, incluindo as dos bairros muçulmanos da zona conhecida como PK5. Teve de o fazer quase às escondidas para evitar ser acusado de «ajudar o inimigo» num conflito que foi erroneamente definido como «inter-religioso». Quando a ONG quis pagá-lo de acordo com os padrões europeus, o Dr. Ouanékponé recusou, afirmando que se tratava da sua humilde contribuição para os seus irmãos e irmãs.

Além do trabalho hospitalar, o médico é hoje promotor do complexo de saúde Mama Ti Fatima, que inclui farmácia, laboratório de análises e

ambulatório de emergência, com projetos para a abertura de uma maternidade e o desenvolvimento de clínicas móveis nas zonas mais pobres. É também professor na Faculdade de Ciências da Saúde de Bangui e está empenhado na formação das novas gerações de médicos. Com este prémio, o Mundo Negro pretende valorizar o exemplo daqueles que optam por colocar as suas competências ao serviço do seu país, contribuindo concretamente para o desenvolvimento humano e sanitário de África.

MALÁUI-ZÂMBIA

De 12 a 18 de Janeiro de 2026, o noviciado de Bauleni-Lusaka recebeu o padre Opargiw John Baptist Keraryo, missionário comboniano ugandês, superior provincial da África do Sul e coordenador da APDESAM.

A comunidade do noviciado é composta por 17 noviços de oito nacionalidades diferentes, acompanhados por dois formadores: o padre Kiwanuka Achilles Kasozi, mestre dos noviços, e o padre Fene-Fene Santime Augustin, formador e *socius*.

A visita do padre Opargiw insere-se no processo de formação integral em curso na província, que visa aprofundar a compreensão do carisma comboniano e reforçar o conhecimento do *Código Deontológico* como instrumento fundamental para a vida missionária actual.

A visita foi estruturada em torno de três momentos formativos principais – um retiro espiritual, uma reflexão sobre o carisma comboniano e um workshop sobre o *Código Deontológico* – complementados por momentos de encontro e diálogo com a comunidade de formação.

Retiro centrado na consciência e na verdade interior – Na manhã de terça-feira, 13 de janeiro, no noviciado de Bauleni-Lusaka, o padre Opargiw animou um retiro espiritual, convidando os noviços a um processo de auto-consciência e verdade interior, sublinhando que o autêntico crescimento espiritual começa com a honestidade perante Deus e perante si mesmos. Foi dada atenção aos sentimentos pessoais, aos movimentos interiores, às motivações, às relações e às atitudes apostólicas. Através de uma reflexão guiada, os noviços foram encorajados a examinar o seu estado interior, a qualidade da sua oração, a maturidade emocional, o uso do tempo, o comportamento interpessoal e a capacidade de viver responsabilmente em comunidade.

Dois textos bíblicos serviram de enquadramento para o retiro: o convite de Jesus aos discípulos: «Vinde vós mesmos para um lugar deserto e

descansai um pouco» (Mc 6,31-32), e a pergunta de Deus a Adão: «Onde estás?» (Gn 3,9b). Esses textos tornaram-se convites ao silêncio, à interioridade e à disponibilidade à presença transformadora de Deus. O Padre Opargiw sublinhou que a vida espiritual não é moldada por experiências extraordinárias, mas pela fidelidade quotidiana, pela atenção à presença de Deus e por uma paixão crescente por Cristo e pelas pessoas. O retiro foi acolhido com abertura e gratidão, como um espaço de enraizamento, discernimento e renovada consciência vocacional.

Aprofundamento da assimilação do carisma comboniano – A tarde do mesmo dia foi dedicada a uma partilha sobre o carisma comboniano. Apresentado como um dom vivo do Espírito, o carisma foi descrito como uma experiência vivida primeiro por São Daniel Comboni e continuamente encarnada na história. O noviciado foi definido como um espaço teológico e espiritual privilegiado durante o qual este carisma deve ser profundamente enraizado e interiorizado.

O Padre Opargiw recordou os elementos essenciais do carisma comboniano: a dedicação total a Deus; a orientação missionária *ad gentes, ad pauperes* e *ad vitam*; e a experiência do *Cenáculo dos Apóstolos*, entendida como escola de fraternidade, oração, responsabilidade partilhada e disponibilidade para a missão. No centro de tudo isto está a dimensão cristológica do carisma, enraizada na abertura contemplativa a Deus e expressa no compromisso missionário activo. O Coração de Jesus foi apresentado como fonte de compaixão, disponibilidade e amor doado.

Foi dada especial ênfase à dimensão relacional da identidade missionária. Referindo-se à experiência do «Cenáculo dos Apóstolos», o padre Opargiw sublinhou a passagem do cartesiano *Cogito, ergo sum* («penso, logo existo») para a sabedoria africana *Cognatus, ergo sum* («sou emparentado, logo existo»). Sublinhou que a identidade missionária é fundamentalmente relacional, vivida em comunhão com Deus, a comunidade e as pessoas a quem somos enviados, em particular aquelas que vivem nas fronteiras e nas periferias existenciais.

Os noviços acolheram com interesse esta reflexão, reconhecendo o desafio e a riqueza de viver o carisma comboniano como vocação comunitária, intercultural e missionária.

O Código Deontológico como caminho de conversão e credibilidade missionária – A quarta-feira, 14 de Janeiro, foi dedicada a um workshop sobre o *Código Deontológico*, com a participação tanto dos noviços quanto dos confrades da região de Lusaka. O Padre Opargiw apresentou o desenvolvimento histórico do *Código*, sublinhando como a sua

evolução desde 1997 até à revisão de 2025 reflecte a crescente consciência do Instituto da responsabilidade ética, pastoral e institucional.

Ele fez questão de esclarecer que a composição do documento nunca foi uma simples reunião de normas, mas um caminho de conversão, fidelidade ao Evangelho e integridade no ministério. Os seus objectivos visam promover uma cultura missionária responsável, favorecer o cuidado mútuo e garantir respostas justas e transparentes a situações de abuso, má conduta ou escândalo.

O workshop destacou os fundamentos teológicos, espirituais e canónicos do *Código*, enraizados no Evangelho, no *Direito Canónico* e na nossa *Regra de Vida*. Foi dada atenção às relações como missão, às políticas de salvaguarda, às medidas disciplinares e aos valores de integridade, responsabilidade, honestidade e transparência.

Tanto os noviços como os confrades expressaram o seu apreço pela clareza e realismo da apresentação, reconhecendo o *Código Deontológico* como um instrumento essencial para a responsabilidade pessoal, uma vida comunitária saudável e um testemunho missionário credível hoje em dia.

No final do seminário, os quatro missionários combonianos presentes (os padres Achilles Kiwanuka, Augustin Fene-Fene, Simon Agede e o escolástico Phiri Charles) assinaram formalmente o formulário de aceitação do *Código Deontológico*. Os documentos assinados foram entregues ao padre Simon Agede, conselheiro provincial responsável pela zona de Lusaka, que os transmitirá ao superior provincial, para que sejam inseridos nos respectivos ficheiros pessoais de cada confrade, de acordo com os procedimentos do Instituto. (*Padre Fene-Fene Santime Augustin, mccj*)

PROVÍNCIA DA AMÉRICA CENTRAL

Assembleia provincial

Reunir-nos na assembleia provincial foi motivo de grande alegria: revivimo-nos depois de algum tempo – para alguns, depois de meses, se não anos –, conversámos e ouvimo-nos, e «valorizámos» o que somos e o que temos.

Em primeiro lugar, houve a reunião dos ecónomos das nossas comunidades (a 4 de Janeiro), que partilharam o seu trabalho de um ano e discutiram temas relativos ao seu serviço.

De 6 a 8 de Janeiro, realizou-se a assembleia provincial, na «Casa Sacerdotal» de Mixco, perto da Cidade do Guatemala, com a participação dos membros da nossa província, vindos da Costa Rica, El Salvador e Guatemala.

Analisámos a nossa vida missionária e reavivámos o fogo da nossa vocação. Falou-se do papel da autoridade entre nós e da importância da nossa formação, e abordaram-se temas de economia, com a ajuda e o estímulo dos vários secretariados do sector.

Avaliámos com honestidade o caminho percorrido durante o ano de 2025 e enfrentámos os desafios que nos esperam nos vários contextos em que operamos. Falou-se da vida religiosa e do caminho percorrido pelo nosso Instituto.

Durante o primeiro dia, o padre Sérgio Osório, dos Missionários do Espírito Santo, exortou-nos a olhar com coragem para a realidade que nos rodeia, fazendo-o como «religiosos», ou seja, caminhando sempre à luz da Palavra de Deus e do ditame dos nossos documentos capitulares, com olhos capazes de reconhecer os desafios, com corações prontos para lutar com toda a constância de que somos capazes, sem nunca perder a nossa «paixão» pela missão.

Nos dias seguintes, houve uma partilha séria sobre os vários pontos que o nosso Instituto submete à nossa atenção como temas principais a reflectir no ano 2026. Entre eles, a questão da fusão das circunscrições, o *Código Deontológico* actualizado e as *Directrizes para a protecção de menores e adultos vulneráveis*, o compromisso com as «pastorais específicas», o tema da Missão (ver a *Carta sobre a Missão* do Conselho Geral – «*Ir além*») e do ministério.

Durante o último dia, o padre David Domingues, membro do Conselho Geral responsável pela macrorregião América-Ásia, acompanhou-nos, através do *Zoom*, incutindo um novo espírito nas nossas atividades e nos vários compromissos que assumimos na província.

A Assembleia colocou-nos na perspectiva de nos tornarmos cada vez mais «construtores de comunidade», tanto a nível provincial como institucional, cada um cuidando atentamente da nossa casa, da nossa Família e da nossa missão.

Prontos para novos passos no nosso caminho comum, celebramos «a passagem» para o novo padre provincial, padre Enrique Sánchez, e para os novos conselheiros provinciais. Foi como um verdadeiro «rito de passagem», vivido num clima de oração, fraternidade e comunhão, celebrando a Eucaristia como «ação de graças» e súplica ao Senhor, para que os acompanhe.

No final da assembleia, na alegria que nasce do estar juntos, organizámos uma peregrinação a San Juan Obispo, local da casa de Mons. Francisco Marroquín, primeiro bispo da Guatemala, que remonta à época colonial. Na antiga capela episcopal, celebramos a Eucaristia, presidida pelos padres Baltazar Zárate, que em Março celebrará 60 anos de

sacerdócio, e Luis Filiberto López, que celebrará 20 anos em Outubro. *(Padre Juan Diego Calderón Vargas, mccj)*

SUDÃO DO SUL

Votos perpétuos de Santino Mawan

A 11 de Janeiro de 2026, festa do Batismo do Senhor, a casa provincial de Juba encheu-se de alegria quando o escolástico Gum Santino Mawan Guor emitiu os votos perpétuos durante a assembleia provincial anual. A celebração contou com a presença de numerosos confrades combonianos, entre os quais Mons. Tesfaye Tadesse, antigo superior geral e agora bispo auxiliar de Adis Abeba, que presidiu à missa.

Também estiveram presentes o irmão Alberto Lamana, várias religiosas e a família de Santino. O padre Gregor, superior provincial do Sudão do Sul, recebeu os votos e elogiou Santino pela sua coragem em dizer «sim» a Deus e em doar-se à Família Comboniana.

Nascido e criado numa família católica, Santino iniciou a sua formação comboniana no pré-postulado em Lomin, no Sudão do Sul. Estudou filosofia em Nairobi, no Quênia, durante três anos, depois frequentou o noviciado de dois anos em Bauleni-Lusaka, na Zâmbia, onde fez a sua primeira profissão religiosa a 15 de maio de 2021. Em seguida, continuou os seus estudos teológicos em Pietermaritzburg, na África do Sul, e depois regressou ao Sudão do Sul para um ano de serviço missionário na paróquia de Mapourdit, na diocese de Rumbek.

A sua ordenação diaconal está prevista para 8 de Fevereiro de 2026, festa de Santa Giuseppina Bakhita. Acompanhemos Santino com as nossas orações, enquanto ele continua o seu caminho vocacional.

NA PAZ DE CRISTO

PADRE BENITO DE MARCHI (29.05.1942 – 10.12.2025)

Benito nasceu em Urbania, na província de Pesaro-Urbino, a 29 de Maio de 1942. A vida não foi clemente com ele desde o início. Quando tinha apenas seis anos, perdeu a mãe, que morreu pouco depois do nascimento do seu irmão mais novo, Luigi. Assim, muito cedo, experimentou a perda – e a resiliência. Talvez fosse aí que estavam as raízes do seu profundo sentido de humanidade.

O seu caminho vocacional também começou cedo. Em Outubro de 1953, entrou no seminário diocesano de Urbania, onde frequentou as três séries do ensino fundamental e os dois anos do ensino médio. Logo, porém, sentiu

o chamado à vocação missionária e, em outubro de 1958, foi acolhido no Liceu Missionário Comboniano de Carraia (Lucca) para os três anos do ensino médio.

Em setembro de 1961, iniciou o noviciado em Gozzano (Novara), frequentando também um ano de teologia preparatória. A 9 de Setembro de 1963, emitiu os primeiros votos temporários e foi enviado a Roma para estudos teológicos na *Propaganda Fide* (Pontifícia Universidade Urbaniana). Este período marcou o início de uma dedicação permanente à pesquisa e ao estudo intelectual.

Passou o primeiro ano de estudos teológicos na casa da Via San Pancrazio e, em Setembro de 1964, mudou-se com os outros escolásticos para a nova casa geral na Via Luigi Lilio (EUR). Em 1965, obteve o bacharelado em Teologia e, em 1967, a Licenciatura em Teologia e o Diploma em Ateísmo Contemporâneo na Universidade Gregoriana.

Foi ordenado sacerdote em 12 de Março de 1967 na capela do seminário diocesano de Urbânia por D. Anacleto Cazzaniga, arcebispo de Urbino. O superior geral daqueles anos, padre Gaetano Briani, costumava perguntar aos padres recém-ordenados onde desejavam ser destinados. Padre Benito pediu para poder iniciar os estudos para obter um doutorado em Teologia Sagrada. Assim, enquanto outros partiam para as missões, ele permaneceu em Roma... pelos dez anos seguintes!

Ele lia sem parar, fazia pesquisas aprofundadas e reflectia intensamente. O que ele achava mais difícil – como admitia abertamente – era chegar a conclusões! O seu doutorado avançava lentamente – muito lentamente! – até que os seus superiores o encorajaram gentilmente, mas com firmeza, a concluir a sua tese de doutorado e partir para as missões. No final, conseguiu terminá-la. O título era *“Por uma nova imagem da Igreja: a comunidade episcopal e eucarística na diáspora do mundo contemporâneo.”* Defendeu-a brilhantemente a 23 de Junho de 1976 e, dois dias depois, recebeu o pergaminho, no qual se destacava a nota final: *magna cum laude*.

Esta característica – pensar sempre, procurar continuamente, concluir raramente – acompanhou-o durante toda a vida. Ficava acordado até tarde da noite a ler, estudar e escrever – sem nunca terminar, sem nunca concluir.

Em 1977, o padre Benito foi destinado à Província comboniana do Malawi-Zâmbia (então ainda Delegação do Malawi). Prestou serviço primeiro como pároco na missão de Gambula-Muloza, na diocese de Blantyre (julho de 1977 – Junho de 1980), depois em Lirangwe (1980–83) e, posteriormente, na missão recém-fundada de Mthawira, nos arredores de Blantyre (1983–86).

Durante os primeiros anos no Malawi, foi-lhe diagnosticado um tumor no

tórax, localizado entre um pulmão e a aorta. Regressou a Itália para receber tratamento. Foi submetido a uma cirurgia e, uma vez recuperada a saúde, regressou ao Malawi assim que possível para continuar a sua vida missionária.

Além do ministério paroquial, o padre Benito ensinou Liturgia no Seminário Maior de São Pedro, em Zomba, durante seis anos. O seu ensino era conhecido por ser rico, profundo e complexo. Isso levou, em 1986, à sua transferência para a Província de Londres como professor de Liturgia e, posteriormente, de Missiologia no Missionary Institute of London (MIL). Antes de assumir o cargo no MIL e a função de formador no escolasticado de Elstree, passou um ano como professor na Faculdade Teológica de Malta.

Viveu na comunidade de Elstree de 1987 a 1991, mudando-se em 2001 para a comunidade de Dawson Place, onde passaria os últimos vinte e cinco anos da sua vida.

No Malawi, o padre Benito descobriu um grande amor pela natureza. Tornou-se um jardineiro apaixonado e plantava flores e arbustos onde quer que pudesse. A criação tinha para ele um valor profundo – assim como a sua paixão pelas uvas e pela produção de vinho.

Para além dos títulos e cargos, o padre Benito foi acima de tudo um teólogo, um académico. Nunca deixou de ler, estudar e reflectir sobre o significado da Missão. As suas homilias e conferências eram sempre apaixonadas, inspiradas e profundamente atentas à vida da Igreja, da sociedade e da ordem mundial. A sua visão da Igreja, da Sociedade e da Missão era profundamente humana, concreta e próxima da vida das pessoas comuns, obrigadas a trabalhar arduamente para viver. Uma visão que, como gostava de recordar, nascia do facto de ter crescido em condições de extrema pobreza.

Envolveu-se activamente no diálogo ecuménico e na construção de relações sólidas com as Igrejas cristãs de Elstree e Borehamwood. Durante muitos anos, desempenhou também um apreciado ministério pastoral na paróquia de «St. Edward the Confessor» em Golders Green, no norte de Londres.

Contribuiu também activamente para a reflexão teológica do Instituto Comboniano através do Grupo Europeu de Reflexão Teológica (GERT), da publicação de artigos em várias revistas e periódicos, da participação em várias comissões e das suas responsabilidades na formação permanente da Província de Londres durante muitos anos.

Onde quer que estivesse – na Itália, Alemanha, Malawi, Malta ou Inglaterra – sabia criar amizades profundas e duradouras. As pessoas eram importantes para ele. Era afável, sociável e amava sinceramente a

companhia dos outros. Algumas amizades duraram toda a vida. Os amigos da família Pandolfini de Prato – benfeitores durante os seus primeiros anos de formação – mantiveram contacto com ele até ao fim: uma amizade que durou mais de sessenta anos, cuidando dele e enviando-lhe regularmente delícias da sua fábrica de biscoitos «Antonio Mattei». As relações eram o verdadeiro tesouro da sua vida, ainda mais do que os tão amados volumes de teologia que continuava a comprar com a ajuda de familiares e amigos.

O padre Benito sempre foi muito atento à sua saúde e às várias doenças e males que o afligiram ao longo dos anos. No entanto, quando envolvido numa conversa – especialmente sobre Missão, Liturgia ou Igreja –, todas as queixas desapareciam rapidamente e ele tornava-se animado, interessante e envolvente, com um subtil sentido de humor. E, como muitos sabem, um copo de vinho tinto possui extraordinários poderes terapêuticos e regeneradores, capazes de curar quase tudo!

Os resultados da autópsia certificaram que a morte do padre Benito foi quase instantânea e totalmente inesperada, causada por um aneurisma da aorta enquanto ele descia a escada principal da residência em Dawson Place. Quando os paramédicos e um médico chegaram ao local, poucos minutos depois de terem sido chamados pelos membros da comunidade, ele já estava inconsciente.

Agradecemos profundamente a Deus pela vida e pelos dons do padre Benito: pelo seu prodigioso intelecto, sua mente investigativa, sua generosa disponibilidade para com os alunos, seu grande coração e sua leal amizade, seu sutil senso de humor – até mesmo por sua dificuldade em chegar a conclusões – sabendo que, finalmente, ele encontrou as respostas que sempre procurou.

Como formador em Elstree, o padre Benito teve a oportunidade de visitar o México e falava frequentemente da sua visita ao Santuário de Nossa Senhora de Guadalupe, uma memória que guardava com profundo carinho. Confiamos, portanto, o nosso querido confrade às mãos da Virgem Maria, pedindo-lhe que interceda por ele junto do Todo-Poderoso.

Que ele descanse na paz eterna e ressuscite com o Senhor na glória.
(*Padre Javier Alvarado Ayala, mccj*)

PADRE VELLUTO PONZIANINO VINCENZO (10-12-1931 – 15-12-2025)

Ponzianino – chamado por todos simplesmente de Ponziano – nasceu em Troia, na diocese de Foggia, a 10 de Dezembro de 1931, sétimo de uma família profundamente cristã. Os pais, Pietro Velluto e Maria Cornacchia, educaram os filhos na fé e no serviço na paróquia de Maria

Santissima Mediatrice, confiada aos missionários combonianos. Desde criança, Ponziano foi um assíduo acólito e, nesse ambiente, a sua vocação amadureceu lentamente.

Depois da escola primária, recebeu a primeira comunhão a 10 de maio de 1940 e, no mesmo dia, a confirmação no seminário episcopal de Troia, manifestando o desejo de se tornar missionário. Foi acolhido na escola apostólica dos combonianos. Os anos de formação não foram fáceis: uma longa doença obrigou-o a interromper os estudos em Sulmona e a repetir um ano. Com paciência e tenacidade, retomou o caminho, dividindo-se por um período entre o seminário episcopal de Troia e o comboniano.

Em 1950, passa nos exames do liceu clássico e, após uma breve paragem em Roma durante o Ano Santo, chega a Gozzano para o noviciado. Aqui, acolhido com simplicidade e calor, vive os anos decisivos da sua consagração. A 9 de Setembro de 1952, emite os primeiros votos. Seguem-se os estudos em Verona, depois em Venegono Superiore para o quadriénio de teologia. A 9 de Setembro de 1958, pronuncia a profissão perpétua e, a 22 de Março de 1959, é ordenado sacerdote na catedral de Milão pelo cardeal Giovanni Battista Montini, futuro papa Paulo VI.

O sonho missionário está pronto para se tornar realidade. O primeiro destino indicado é o Sudão, mas os atrasos nas autorizações obrigam-no a uma longa e paciente espera. É enviado a Londres para aprender inglês e, finalmente, destinado ao Uganda, na diocese de Gulu. A 21 de Março de 1961, aterrou em Kampala e foi imediatamente enviado para a missão de Opit, uma comunidade recém-criada.

Aqui começa o longo e fecundo capítulo africano da sua vida, que durará mais de cinquenta anos. Dedica-se com paixão à aprendizagem da língua *acholi*, enfrentando com humildade as dificuldades de uma língua complexa, sobretudo devido ao seu sistema tonal. Após apenas quatro meses, ele dá a sua primeira pregação na língua local – experiência que ele mesmo definirá como «um mergulho providencial». A partir desse momento, a língua se torna o instrumento privilegiado para entrar no coração das pessoas.

Primeiro com uma Vespa e depois com uma velha Guzzi adaptada, percorre quilómetros de trilhos para visitar aldeias distantes, celebrar, ensinar, acompanhar. Os safaris pastorais duram semanas. Em Odek, forma um grupo de catecúmenos, preparando cuidadosamente as primeiras comunhões e crismas. Em 1963, enquanto está empenhado numa longa visita à zona de Parak, é escolhido como pároco e superior local de Anaka. Aqui, juntamente com um jovem confrade, reforça a presença

eclesial numa paróquia vasta e articulada, apoiado também pela comunidade das Pequenas Irmãs de Maria Imaculada.

Em 1967, regressa temporariamente a Itália para um curso de actualização, em pleno clima pós-conciliar. São meses de intensa reflexão eclesial, marcados também pelo sofrimento pela doença da mãe. É ela própria que o encoraja a regressar a África com palavras que ficarão gravadas no seu coração: se não se voltarem a ver nesta terra, encontrar-se-ão no Paraíso.

Em 1968, parte novamente para o Uganda e é designado para Palabek, uma missão difícil, marcada pela recente expulsão de outros missionários. No início, está completamente sozinho. Encontra uma comunidade frágil, uma igreja quase vazia, uma fé a reconstruir. Com paciência, visita os catequistas, convoca-os, organiza o trabalho pastoral e, lentamente, a vida cristã renasce.

A 4 de Abril de 1969, a sua mãe falece. A notícia chega-lhe à missão poucos dias depois. No seu diário, confia ao Senhor a dor e a gratidão por aquela mãe que tinha apoiado até ao fim a sua vocação. Mesmo no meio do sofrimento, não interrompe o serviço.

Nos anos seguintes, enfrenta graves problemas de saúde: as cólicas renais obrigam-no a internamentos e transferências, mas nunca o fazem abandonar a missão. De 1974 a 1979, é superior e pároco em Padibe. Depois, quase contra a sua vontade, aceita o cargo de formador no escolasticado de Kampala. Aqui descobre uma nova dimensão apostólica entre os estudantes, nas escolas e faculdades da capital, que considerará um dom inesperado do Senhor.

Nos anos 80, trabalha em Kalongo e depois em Gulu, num período dramático para o norte de Uganda, marcado por movimentos milenaristas e violência generalizada. Ele até tenta dialogar com Alice Lakwena, líder do Movimento do Espírito Santo, mas recebe uma recusa categórica. No entanto, continua a oferecer uma presença discreta e tranquilizadora no meio de uma população provada pela guerra.

Desde 1992, é superior do Meeting Centre de Laybi e, de 1994 a 2008, regressa a Opit como superior. São os anos mais difíceis: o conflito com o Exército de Resistência do Senhor, liderado pelo infame Joseph Kony, devasta a região. É raptado duas vezes pelos rebeldes. Muitos confrades perderam a vida. Ponziano atravessa este período sem nunca duvidar da sua escolha. Permanece ao lado das pessoas como sinal de fidelidade e esperança.

A sua missão não se limita à pregação. Ele constrói escolas e dispensários, promove adopções à distância, apoia jovens nos estudos,

acompanha famílias em dificuldades. É assim que ele interpreta o seu ser missionário: um serviço integral, humano e espiritual ao mesmo tempo.

Em 2009, regressa a Itália, vivendo estes anos como uma dolorosa separação de África. Em 2012, consegue regressar novamente ao Uganda, primeiro a Bala, depois à Comboni House de Ngeta. Gostaria de terminar a sua vida ali, mas em 2016 a saúde obriga-o a regressar definitivamente. Em Lecce, recolhe as suas memórias, que em 2017 se tornam um livro intitulado *Ne valeva la pena – Cinquant'anni in Uganda* (Valeu a pena – Cinquenta anos no Uganda), síntese simples e intensa de toda uma existência dedicada.

Em Julho de 2020, retira-se para o Centro «Fratel Alfredo Fiorini» em Castel d'Azzano. Aqui vive os últimos anos em silêncio e despojamento, preparando-se lentamente para o encontro definitivo. Morre a 15 de Dezembro de 2025.

Durante o funeral, no dia 18, o superior do Centro, padre Giovanni Munari, lembra como Ponziano, chegando ao fim, deixou cair tudo o que havia construído, permanecendo apenas ele mesmo diante de Deus. Das mensagens que chegaram de todas as partes emerge um retrato unânime: missionário humilde, bom, fiel, totalmente dedicado à África.

Particularmente comovente é o testemunho proveniente de Gulu: quando criança, o futuro vigário-geral da arquidiocese foi acolhido por ele em Palabek, juntamente com os irmãos que ficaram órfãos. Ainda hoje muitos se lembram dele com carinho e gratidão. Em muitas crianças permanece até mesmo a marca do seu nome.

Após o funeral, o corpo foi levado para Tróia para ser sepultado no cemitério local. Assim termina a longa jornada de um homem que viveu o Evangelho na simplicidade quotidiana, entre aldeias remotas, guerras, doenças e esperanças. A sua vida, como ele mesmo escreveu, «valeu a pena». (*Padre Franco Moretti*)

PADRE ALBIN GRUNSER (03.01.1933 – 01.01.2026)

Albin nasceu a 3 de Fevereiro de 1933 em Terento, na província autónoma de Bolzano, em Trentino-Alto Ádige. Depois de concluir o ensino básico, foi admitido na Casa Missionária do Sagrado Coração de Jesus em Milland. A partir daí, frequentou o ensino secundário e o liceu no seminário episcopal Vinzentinum.

Anos de preparação – Cinco vezes por semana, ele e os outros estudantes de Milland tinham de percorrer o longo caminho de ida e volta

entre a casa missionária e o Vinzentinum. Albin era um estudante bom e diligente e, em 1955, passou com sucesso no exame de maturidade em Merano.

No mesmo ano, solicitou a admissão na Congregação dos Missionários Filhos do Sagrado Coração de Jesus (MFSC), hoje Missionários Combonianos do Coração de Jesus (MCCJ). A 13 de Novembro, iniciou em Bamberg a sua formação espiritual e missionária com o noviciado. A 29 de Setembro de 1957, emitiu os primeiros votos temporários.

Naquela época, todos os anos alguns novos professores eram enviados a Roma para estudos teológicos. Albin estava entre eles. Depois de concluir os estudos de filosofia em Bamberg em 1958, mudou-se para Roma, onde de 1958 a 1962 frequentou a Universidade de Propaganda Fide, concluindo o curso com uma tese de licenciatura. A 6 de janeiro de 1962, emitiu os votos perpétuos em Roma. A 29 de junho de 1962, foi ordenado sacerdote em Bressanone pelo bispo Josef Gargitter.

Albin chamava a atenção de todos pela sua estatura imponente. Durante a sua primeira missa, o pároco, no discurso de boas-vindas, comparou-o a Saul, eleito rei de Israel, sobre quem se lê no *Primeiro Livro de Samuel*: «Ele ultrapassava em altura a todos os outros do povo» (1 Sam 9,2c).

Destacamento para Espanha – O Padre Albin iniciou o seu ministério missionário em Espanha. Pouco depois da sua chegada, foi nomeado formador de um grupo de seminaristas no seminário missionário «San Francisco Javier» de Saldanha, que a Congregação tinha aberto dois anos antes. Ao mesmo tempo, ensinava, uma vez que os seminaristas não frequentavam escolas públicas, mas eram instruídos dentro do seminário.

Aprendeu rapidamente e com grande facilidade a língua espanhola. As suas homilias e conferências eram muito apreciadas pelos estudantes. A sólida formação teológica recebida em Roma constituía uma base importante para o seu compromisso educativo.

Trabalho pastoral e ensino em Tarma, Peru – Após dois anos, em 1965, chegou novamente a hora de o padre Albin fazer as malas, embarcar e partir para o Peru, que se tornaria a sua pátria missionária definitiva. Lá, ele passaria um total de 56 anos da sua vida.

Após um breve período de trabalho pastoral na paróquia de Sant'Anna, em Tarma, foi nomeado professor na escola «San Ramon» da mesma cidade. Durante mais de duas décadas, acompanhou gerações de

jovens, que sempre o estimaram muito; uma estima partilhada também pelos colegas e pelas famílias dos alunos.

Era um sacerdote íntegro, honesto e profundamente humano, particularmente atento aos alunos mais tímidos, mais pobres ou menos dotados do ponto de vista académico. Não hesitava em visitar as suas famílias, dialogar com os pais e até ajudá-los economicamente, para que pudessem continuar os estudos. Muitos ex-alunos ainda hoje se lembram dele como um verdadeiro educador e mentor, testemunho concreto de como a missão pode ser vivida também na sala de aula.

Um ex-aluno da escola «San Ramon», presente no funeral do padre Albin em Terento, contou: «Nunca vi o padre Albin sozinho. Quer estivesse no pátio da escola, nas escadas ou nos corredores, estava sempre rodeado de alunos ou colegas. Ele sorria sempre. Ele nos ensinou a buscar e compreender o sentido da vida. Quando penso nele hoje, pergunto-me por que tantos alunos e pessoas se dirigiam a ele. Tenho certeza de que era porque encontravam nele alimento para suas almas. Ele fortaleceu famílias e abençoou vidas. Já podemos imaginar o quanto sua segunda cidade natal, Tarma, se lembrará profundamente dele».

Logo lhe foi confiada também a coordenação do ensino da religião na diocese de Tarma. Com seu estilo franco e sincero, ele gozava da estima do corpo docente e era apreciado pelos alunos por sua competência profissional e sua preparação metódica.

No entanto, não negligenciou o importante compromisso pastoral nas paróquias: celebrava de bom grado a Eucaristia aos fins de semana e, durante muitos anos, foi conselheiro do bispo de Tarma.

Durante os anos de terrorismo no Peru, o padre Albin viveu em primeira mão situações de grande perigo. Um atentado particularmente dramático ocorreu em Tarma, quando um veículo carregado de explosivos explodiu ao lado da igreja paroquial, bem debaixo da janela do seu quarto. Felizmente, naquele dia ele não estava em casa. Muitos viram neste episódio um claro sinal da proteção de Deus e do anjo da guarda que o acompanhou durante toda a sua vida.

Trabalho pastoral em Lima – Administrador provincial – Em 1994, mudou-se para Lima e passou a fazer parte da comunidade da Casa Provincial de Monterrico. Também lá se colocou de bom grado à disposição para o serviço pastoral nas paróquias. Celebrava a missa todos os dias na escola das Madres da Imaculada Conceição e aos domingos para os habitantes do bairro. Manifestou o seu coração compassivo também enviando ajuda às Missionárias da Caridade que trabalhavam em zonas marcadas pela pobreza e pela violência.

De 1996 a 2003, foi ecónomo da casa provincial e da província. Qualquer que fosse a tarefa que lhe fosse confiada, o padre Albin desempenhava-a com consciência, competência e precisão. Amava profundamente a sua vocação missionária e permaneceu fiel a ela até o fim. Como toda pessoa, também tinha suas peculiaridades de carácter, que às vezes tornavam não sempre fácil trabalhar e conviver com ele.

Destacamento para a província de língua alemã (DSP) – Em Agosto de 2021, devido à sua idade avançada e a problemas de saúde, foi transferido para a província comboniana de língua alemã, para o centro para confrades idosos e doentes de Ellwangen. Não foi fácil para ele dizer adeus definitivamente à sua missão após 56 anos. No entanto, adaptou-se rapidamente, também graças aos inúmeros serviços prestados pelas assistentes. Além disso, o padre Albin tinha um fino sentido de humor, qualidade muito apreciada pelo pessoal.

Após vários internamentos hospitalares, os médicos tiveram finalmente de constatar que mais tratamentos não trariam melhorias. A 30 de Dezembro de 2025, foi transferido para o hospício vizinho «Sant'Anna», onde faleceu a 1 de Janeiro, pouco depois da meia-noite. A seu pedido expresso, o corpo foi levado para Terento, sua terra natal, e sepultado no cemitério local.

O anúncio da morte do padre Albin em Tarma – Na manhã de 1 de Janeiro, uma pequena estação de rádio local da região de Tarma, no coração dos Andes peruanas, divulgou a notícia da morte do padre Albin Grunser. No comunicado radiofónico, foi expressa a profunda dor pela sua morte, imediatamente acompanhada por palavras de fé na ressurreição e por sinceras expressões de condolências e proximidade dirigidas à sua comunidade missionária e à sua família.

A divulgação da notícia deu origem a uma verdadeira enxurrada de mensagens nas redes sociais, que homenageavam o padre Albin como sacerdote, professor, missionário e guia espiritual. Uma mensagem dizia: «Foi um grande missionário, que deixou a sua terra natal para se dedicar a Tarma; um excelente professor, que formou os alunos do Colégio San Ramon; um exemplo edificante de perseverança, fé em Deus e profundo respeito pelas pessoas. Em Tarma, guardaremos sempre a sua memória. Estamos unidos em oração à sua família e à comunidade dos missionários combonianos».

A sua pontualidade e disciplina deixaram memórias indeléveis. Quando Albin fazia o seu passeio vespertino pela Plaza de Armas de Tarma, quase se podia acertar o relógio com ele; o percurso era sempre o

mesmo. Algumas crianças, observando-o, divertiam-se a contar os seus passos.

Os missionários combonianos agradecem ao bispo Timoteo Solórzano de Tarma pelo seu apoio e pelas condolências expressas pela perda deste confrade, que dedicou a sua vida à educação, à pastoral e ao fiel serviço da Igreja.

Padre Eduard Falk e padre Albin Grunser – No mesmo dia, há dois anos, faleceu o padre Eduard Falk, também natural de Terento. Ele também trabalhou como missionário no Peru durante 48 anos. Agora, ambos repousam no mesmo cemitério. Juntos, estes dois «missionários de Terento» serviram na missão peruana por mais de 100 anos! Ambos eram profundamente ligados à sua paróquia, a ponto de expressarem o grande desejo de serem enterrados no cemitério paroquial.

Com profunda gratidão, rezamos ao Senhor pelo padre Albin Grunser, certos de que aquele a quem ele serviu com tanta dedicação o acolheu no seu Reino: «Bem, servo bom e fiel! ... Participa da alegria do teu senhor» (Mt 25,21). (*Padre Nelson Mitchell, superior provincial do Peru, e padre Alois Eder*)

PADRE INÁCIO BABO DE MACEDO (03.01.1950 – 22.01.2026)

Inácio nasceu a 3 de Janeiro de 1950 em Vila Cova da Lixa, na antiga província do Douro Litoral, um território do norte de Portugal, diocese do Porto. No dia 6, foi baptizado. Em Julho de 1959, recebeu a confirmação. Frequentou as escolas locais, mas abandonou os estudos muito cedo, de tal forma que, quando no início de 1969 decidiu entrar na Escola Apostólica de Maia, dirigida pelos missionários combonianos, foi obrigado a fazer um esforço enorme para recuperar alguns anos de escola. Mas tinha uma mente perspicaz e dedicou-se de corpo e alma aos estudos. A 10 de Setembro de 1970, está pronto para entrar no noviciado de Moncada. (*F.M.*)

Conheci Inácio quando ele tinha 19 anos e eu 17. Ele tinha entrado no seminário de Maia naquele mesmo ano, um pouco atrasado nos estudos, mas não lhe faltava vontade de se colocar ao nível dos outros o mais rapidamente possível. E conseguiu brilhantemente. Apesar de sermos quase da mesma idade, sempre o vi como um modelo a seguir pelo seu empenho e seriedade nos estudos e na vida quotidiana.

Dois anos depois, partimos juntos para o noviciado em Moncada, na Espanha. Também lá Inácio sempre se destacou pelo seu empenho. Ele tinha objectivos muito altos: dizia – e era muito sério! – que queria ser santo! Às vezes, na minha ingenuidade, pensava que ele era excessivamente «sério».

Caminhámos juntos durante alguns anos. Juntos, frequentámos os cursos de filosofia em Moncada e tornámo-nos amigos.

Ele fez os primeiros votos temporários a 19 de Março de 1973 em Coimbra (um ano antes de mim) e continuou os estudos filosóficos em Moncada, enquanto eu voltei para Portugal, como estudante de teologia e com a função de prefeito na escola apostólica de Viseu.

Em Setembro de 1974, reencontramo-nos no escolasticado de Issy-Les-Moulineaux, Paris, para os cursos de Teologia. Inácio era o melhor aluno do curso. A 26 de Fevereiro de 1977, fez a profissão religiosa perpétua e, a 31 de Julho do mesmo ano, foi ordenado sacerdote na catedral de Viseu, pelo bispo diocesano D. José Pedro da Silva.

Após a Teologia e a ordenação sacerdotal, os nossos caminhos separaram-se: ele partiu imediatamente para o Zaire (que se tornara recentemente República Democrática do Congo – Rd Congo), destinado inicialmente à paróquia de Kakwa, diocese de Isiro, e depois a Limete-Kinshasa. Eu fiquei em Portugal e só no final de 1984 parti para Moçambique.

Em Julho de 1983, o padre Inácio foi destinado a Issy-Les-Moulineaux, Paris, como formador dos escolásticos. Matriculou-se num curso de Teologia Bíblica e obteve a licença em Outubro de 1987. Logo depois, regressou à República Democrática do Congo, designado para o postulado comboniano de Kisangani, passando depois para a paróquia de St Camille, na mesma cidade, como vice-pároco. Em 1993, regressou a Portugal, designado para a comunidade de Famalicão, encarregado da animação missionária.

Quando regressei de Moçambique, no início de 1999, fui imediatamente encontrar-me com o padre Inácio em Famalicão, que estava prestes a mudar de comunidade, e convenci-o a partir para Moçambique, precisando que ele poderia oferecer o seu precioso serviço como professor de filosofia no Seminário Filosófico Interdiocesano de Maputo. No início, ele hesitou, mas depois aceitou. De Roma, recebeu imediatamente a designação para o novo destino e, em Julho daquele ano, já estava em Maputo, para iniciar uma nova aventura missionária. Ele revelou-se imediatamente um excelente professor de filosofia, a ponto de ser escolhido como prefeito de estudos.

Naquela época, o seminário era dirigido por uma equipa formativa composta por missionários combonianos. Aqui, ainda hoje, o padre Inácio é recordado pelos ex-seminaristas diocesanos, agora sacerdotes, como um professor competente, dedicado aos estudantes e exigente. Ele dizia-lhes: «Ser padre é uma coisa séria: não podemos brincar com Deus e com o povo».

Em 2005, após a passagem da direcção do seminário para os padres diocesanos, a equipa comboniana deixou o seminário e o padre Inácio foi destinado a Tete, onde o Instituto estava presente em três missões. Apesar da idade, não poupou energias no estudo da língua local, o *cinyungwe*, que aprendeu bastante bem.

O padre Inácio era um apaixonado: fazia tudo com grande dedicação, dando sempre o melhor de si. Vivia tudo intensamente, mesmo as coisas mais pequenas. A sua vocação missionária e religiosa era um tesouro que guardava com carinho e colocava generosamente ao serviço dos irmãos, especialmente dos mais necessitados.

Permaneceu em Tete até 2008, quando regressou a Portugal, designado para a comunidade de Famalicão, encarregado da animação missionária.

Em Julho de 2011, passou para a Casa Geral, responsável pelos confrades estudantes. Grande era a sua capacidade de acompanhamento.

Encontrei-o aqui em 2015, empenhado no serviço ao confrade padre Manuel João Pereira Correia, doente de Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA), uma grave doença neurodegenerativa progressiva que atinge os neurónios motores, causando paralisia muscular, dificuldades respiratórias e de deglutição. Viveu esses anos com grande dedicação e como oferta da sua vida para que o padre Manuel João estivesse bem.

Nesse curto período de convivência com ele – cerca de um ano –, descobri o seu amor por dois grandes santos (além de São Daniel Comboni, obviamente): Santo Agostinho e Santa Teresa do Menino Jesus. Sobre a pequena Teresinha, ele dizia-me: «Sempre me fascinou o amor desta jovem carmelita por Deus e pelas missões. O seu “pequeno caminho” inspira-me e apaixonou-me, levando-me a dedicar toda a minha vida à missão. Sei que tenho nela uma grande “intercessora” junto de Deus». E mostrava-me o famoso retrato de Teresina em destaque na sua secretária. Partilhou comigo muitos dos seus estudos sobre os livros de Santo Agostinho e sobre a *História de uma alma* de Santa Teresa, que conhecia muito bem.

Em 2016, o padre Inácio regressou a Portugal, destinado à comunidade de promoção vocacional e animação missionária de Calvão. Entretanto, a sua saúde deteriorava-se lentamente. Um AVC deixou-o muito

debilitado, embora com muita força de vontade tenha recuperado os movimentos e uma certa autonomia.

Mas a sua mente ficou muito danificada e teve de ser transferido para a comunidade de Viseu, onde passava os dias realizando pequenos trabalhos, recolhendo as folhas das árvores no jardim, passeando nos espaços exteriores da nossa casa de repouso. Enquanto caminhava, contava lentamente os grãos do rosário. Sempre que eu o visitava, ele perguntava-me onde eu estava e o que estava fazendo, ainda interessado na missão. À minha resposta, ele encolhia os ombros resignado e sussurrava: «Eu já não posso fazer mais nada», e me mostrava o rosário, como se dissesse: «Esta é a minha missão hoje!». E quão grande era realmente a sua missão! Ainda, como sempre fizera, continuava a oferecer a sua vida – agora frágil e consumida – generosamente pela missão, rezando por todos os missionários que anunciam com alegria o Evangelho do Reino nas fronteiras.

Faleceu no Senhor a 22 de janeiro de 2026, aos 76 anos de idade. As cerimónias fúnebres realizaram-se na manhã de 23 de janeiro, com a missa fúnebre presidida pelo bispo de Viseu, Mons. António Luciano dos Santos Costa, na igreja do antigo e glorioso *Seminário das Missões de Viseu*, seguida, à tarde, do funeral em Vila Cova da Lixa, sua terra natal. Foi então sepultado no cemitério local.

Descansa em paz, padre Inácio, meu companheiro e meu amigo. Estou certo de que ouviu o Senhor que o chamou suavemente: «Bem, servo bom e fiel... participa da alegria do teu senhor» (Mt 25,21). (*Padre Jeremias dos Santos Martins, mccj*).

OREMOS PELOS NOSSOS DEFUNTOS

O PAI: Guillermo Sipión, de D. Barrera Pacheco L. Alberto (PE)

O IRMÃO: Arnulfo, do irmão Enriquez Sanchez (M)

A IRMÃ: Irmã Maria Gerarda, do padre Giuseppe Ambrosi (†), Elina Bianca, do padre Luciano Perina (I); Dolores, do Cardeal Miguel Ángel Ayuso (†)

IRMÃS COMBONIANAS: Ir. Fumagalli Alessandra (I); Ir. M. Lucia Cavalli (I); Ir. Adeliana M. Locatelli (I)